

Castigo: um mito educativo 10

Roberto Curi Hallal*

“A criança é o prisioneiro político do adulto”. (Dodard)
“O fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer”. (R. Barthes)
“Entendemos, quando fazemos parte do que se nos diz”. (Heidegger)

A humanidade atravessa uma mudança sem precedentes em sua história. O enorme avanço tecnológico alcançado em poucos anos não foi acompanhado duma evolução ética, social e psicológica por parte dos humanos. Criou-se um abismo entre a capacidade inventiva e o aproveitamento generalizado destas novas máquinas. A *evolução no conhecimento das máquinas* não teve a companhia duma evolução no conhecimento dos seres humanos acerca de si mesmos. Muito embora seja cada vez maior o número de pessoas investindo nos direitos humanos e na melhora da qualidade de vida. Assim também como começam a surgir movimentos no sentido de humanizar o uso das máquinas, começa-se a revisar o conteúdo

* Psicanalista.
Recebido em 02.07.96

desumanizado da educação, muito mais quando sabemos que as crianças estão sendo mandadas às escolas com menos de dois anos de idade numa tentativa social dos pais encontrarem quem os substitua enquanto eles investem em suas próprias concepções individualistas de ser. Acaba tudo na idealização do ensino que os leve ao nível universitário. E a educação confundida com a escola formal. A escola que aceita este objetivo sem a consciência do problema, passa a ser conivente quando aceita e estimula semelhante ideologia.

A globalização da informação aproxima-se a todos, tornando os problemas comuns preocupação de todos. Assim os filhos sabem dos problemas mundiais, sabem do desemprego, da origem do dinheiro e do poder dos pais. Tem a consciência de como é difícil ganhar o dinheiro e se os que o tem, o merecem. Ainda que a consciência dos poderosos em termos econômicos esteja contaminada pelo imediatismo do uso, suas histórias são implacáveis.

Por outro lado, vê-se um contingente de pessoas que acreditamos pensantes e lúcidas, dentre eles intelectuais, eruditos, músicos, artistas, profissionais liberais defendendo a mesma tese de que castigo não faz mal sem a consciência da cumplicidade constituída, porque a maioria ocupa-se demasiadamente de seus espaços, suas profissões, seus “eus” buscando um lugar social, e acabam pagando terapeutas, professores particulares e escolas que preencham o vazio deixado por seus pequenos investimentos nos filhos. Quando os filhos lhes denunciam a falta, estes pais encontram alguma forma coercitiva para seguir impedindo a denúncia do que não deram aos filhos, esquecendo-se que em última instância seus compromissos sociais para com eles.

Observa-se contrastantemente, nesta mesma população, uma tolerância passiva ou uma participação ativa na utilização do castigo às crianças como uma forma de educação. Embora estas deformações da educação já não sejam oficialmente aceitas, muitas delas ainda são utilizadas ocasional ou constantemente.

Os argumentos no sentido de defender a não violência parecem não haver chegado ao interior dos lugares freqüentados pelas crianças.

O discurso que se cala, conjuntamente com o que se fala é organizador das personalidades. Entretanto aquele discurso que se cala organiza a face eclipsada, o outro lado da alma, aquele lugar que não se costuma indagar. Assim sendo, pouco se dedica a refletir sobre ele.

Seria de pouca utilidade pretender através da literatura transmitir consciência, entretanto sem intenções de relevar o novo, podemos redimensionar o já sabido para inseri-lo em outros contextos do conhecimento

revisando as ideologias que subjazem as atitudes sociais e familiares quando estas estão a serviço da destruição.

Quando o assunto é violência doméstica a tendência é buscar culpados a vítimas. Entretanto a indagação devidamente estudada nos faz crer que *nas questões de violências familiares todos são vítimas alienadas da história* que se incorpora sem crítica.

Revisar esta questão significa revisar mitos. Tentamos assim sair da frente dos espelhos que nos refletem, como aqueles dos parques de diversões, que nos mostram diferentes do que realmente somos em nossos cotidianos enquanto sujeitos responsáveis pela transmissão da cultura às crianças.

Não somos tão maus quanto nos pensamos nem tão bons como nos anunciamos. *A violência é cada vez mais vulgar*. Está em todas as esquinas, em todos os veículos de comunicação em todas as casas, em todas as escolas, em todos hospitais infantis, em maior ou menor grau.

Há uma grande preocupação com a educação formal dos filhos, mas dedica-se muito pouco na revisão dos meios que se utiliza para alcançar o fim desejado.

Banalizou-se as formas de violências sutis, pois sua existência no cotidiano através da visualização terminaram vulgarizadas.

Uma criança aprende quando ameaçada, aprende com medo, com palmadas também. Acreditar-se que as crianças e os jovens somente aprendem o que lhes é transmitido com amor, é no mínimo uma ingenuidade. *A criança que apanha para aprender, só aprende a apanhar e bater, ou aprende a ser covarde sem nenhuma capacidade de defesa*. A ameaça leva à obediência, mas não a compreender a razão do que lhe está sendo exigido. Os sistemas impostos costumam ter respostas imediatas e encobridoras dos verdadeiros problemas das crianças. Pouco se avalia, porque pouco se sabe do que se ganha ou perde com as violências cometidas contra elas.

A teimosia das crianças em obedecer ordens geralmente está acompanhada da falta de compreensão por parte dos pais e educadores sobre o momento que elas estão vivendo e, essas situações muitas vezes são resultado de confusões para os jovens sobre o que lhes está passando. Outras vezes a atenção do desobediente está voltada para si mesmo impedindo-o de escutar as ordens transmitidas. Também pode ocorrer que as crianças e os jovens não dêem o mesmo peso e valor que o adulto está dando a determinada ordem. Não deixando de lado o mais comum: que simplesmente reagem por fazer-lhes pouco caso.

As resistências que as crianças tem em obedecer as ordens dos pais são superficiais e transitórias. Não se pode esquecer de suas fragilidades.

Há uma tendência a atribuir um poder às suas oposições que em verdade não existe. As crianças vivem inseguras e poucas são as que mantêm suas posições de oposição por muito tempo. Poderíamos dizer que esclarecer-lhes sobre o que lhe está acontecendo faz com que elas diminuam suas resistências e até mesmo suas ansiedades relacionadas a cada circunstância. Seria ideal que cada educador estivesse imbuído do espírito de quem tem que vender uma idéia e convencer ao outro de comprá-la. Aqui no caso geralmente os educadores cotidianos impõem a idéia a ainda se ofendem dos jovens não desfrutarem da “mercadoria” adquirida a força.

Um argumento freqüente para justificar as palmadas, é que conversa não basta ou até mesmo de que as crianças provocam os adultos e que fazem de tudo para apanhar. Deixemos ingenuidade de lado e pensemos que é um direito das crianças experimentarem as convicções de quem ordena, assim como também aprendem a medir seu poder, os abusos que fazem deste poder e as fraquezas dos adultos. Também faz parte do aprendizado da vida aprender a conhecer o limite de cada um que está ao redor, mas isto não significa que se aceite a violência como forma de posta de limites.

Podemos dizer que muitos pais e educadores não se preocupam em educar as crianças. Voltam suas atenções para elas quando surgem ataques de ira ou de ansiedade. Não deixa de ser curioso que os adultos tentem frear os ataques de ira das crianças com verdadeiros ataques de ira de adultos, corporalmente maiores e mais fortes em suas reações. Pensa-se assim curar a ira com a ira. Tenta-se corrigir a violência com uma violência maior.

As pessoas quando violentas justificam suas violências com argumentos que eles mesmos já aceitaram. São como aquelas mentiras que se contam com tanta convicção que acabam sendo aceitas como uma verdade pessoal.

Nos momentos de agitação das crianças, entendemos que estão descarregando uma ansiedade que não conseguem controlar, por isso mesmo necessitam da vida muscular como forma de diminuir a ansiedade. As crianças e os adolescentes quase nunca conseguem administrar suas ansiedades e suas frustrações, assim sendo muitos de seus atos estão comprometidos por esta incapacidade. A severidade ou a falta de educação adequada às necessidades momentaneamente manifestadas, somente aumentam a confusão. A desaprovação social e a veemência com que se demonstre o desagrado que determinadas atitudes das crianças provocam, feita no momento adequado, poderá poupar a essas crianças de sofrerem atitudes extremas como a dos castigos, humilhações e privações impostas por pais e educadores.

Quando cessa a insistência ou a desobediência costuma-se pensar que a questão está resolvida. Nada disso é verdadeiro, apenas fica adiada a solução com o silêncio das crianças ou a obediência imposta de cima para baixo. O caminho de semelhante submissão é a depressão. A depressão leva a que toda essa energia volte acumulada, reforçada e disfarçada na próxima tentativa. Caso o acúmulo de cerceamento prossiga constante, teremos a comum explosão da adolescência. Ali a surpresa de muitas escolas e pais ao verem os jovens totalmente desfigurados, comportando-se pelo oposto do que sempre haviam sido até então. É muito comum nas crises de loucura, ou em outras formas de manifestação extrema, ouvir-se a família dizer “ele era tão calmo, tão cordial a agora nem parece ele mesmo...” ou ainda “ela era tão boazinha e agora só grita e faz tudo ao contrário do que pedimos...”. Fica claro que esses jovens não foram ouvidos, vistos ou percebidos em suas essências durante longos anos até chegarem a um período em que seus gritos soaram mais alto do que a surdez daqueles que lhes omitiram o direito de opinião.

Um “não” dado no momento e com a convicção necessária tende a ser considerado. Usa-se muito “não” na rotina das educações, assim se o vulgariza. *O não e o sim são tão preciosos na educação que somente deveriam ser utilizados em horas especiais.* Nas demais rotinas do convívio com as crianças e os jovens caberia que se observasse mais detidamente visando conhecê-los mais profundamente para poder interferir nas suas educações. Todos os pais e educadores tem o mito de conhecer aos jovens somente por conviver com eles. Convívio não significa conhecer o outro pois freqüentemente coabita-se sem conviver.

O adulto reprova na criança desobediente uma intenção de comportamento sem pesquisar mais além do ato instantâneo. Exigimos das crianças e dos adolescentes algo que não costumamos fazer: escutar aos outros.

Os adultos geralmente convivem mal com as diferenças. Quando um adulto se encontra ante alguém menos poderoso, mais humilde ou mais fraco tende a menosprezá-lo e abusar de poder para com ele. Com semelhante atitude mostra seu rechaço ao diferente e manifesta seu preconceito social.

As crianças não são projetos inacabados de adultos. Nem podem usar a razão com a mesma agilidade com que os adultos o fazem, quando o fazem.

A conduta de muitos pais e educadores favoráveis ao uso do castigo parece estar inspirada no fato de que uma educação severa os preparará melhor para a vida. Usam também o argumento de que as crianças respeitadas em suas necessidades e democraticamente estimuladas a par-

ticipar das suas decisões serão sujeitos inaproveitados pela cultura, serão futuros problemas, pois são mimados.

Outro mito universal é de que passar por maus momentos ajuda a formar o cidadão. A história dos sofrimentos também nos ensina que isto é parte da vida, mas também convém saber que evitar sofrimentos desnecessários para as vidas deixa uma maior crença no futuro e é mais útil do que reproduzir o sofrimento como forma positiva para a existência.

A ideologia rigorosa e exageradamente imposta através de uma educação que não permita a participação ativa dos educadores só trás mágoas e lembranças angustiantes. Seguir sendo liberais da boca para fora não serve para os jovens que estão próximos. Assim eles acabam assistindo a contradição de adultos que são liberais nos argumentos e ditatoriais nas ações para com eles. Não se ensina a liberdade com maltratos. Pelo contrário da força, ensina-se aos jovens uma forma de utilização de seus potenciais para serem livres ajudando-lhes a ter maior responsabilidade, indicando-lhes convicções com limites adequados, respeitando as contradições que ambas as partes tenham no decorrer das discussões.

Um forte argumento de pressão para estimular nos educadores a exigência exagerada é que a tolerância, a espontaneidade e a delicadeza são negativas para a formação dos jovens, principalmente se forem homens. Estimula-se a rigorosidade de suas educações com a promessa de que assim serão mais homens. Em contrapartida se utiliza a amostragem de filhos que cometem equívocos atribuindo seus erros a uma educação tolerante. Confunde-se assim a idéia de que a tolerância, o respeito e a compreensão são responsáveis pelo equívoco. Se assim fosse os jovens mais humanizados seriam considerados maus exemplos. Desta forma, a rigorosidade formaria nos jovens uma proteção contra o mau uso dos potenciais. Quem acredita em semelhante afirmativa parte do princípio que os livres são perigosos. Os livres não podem ser confundidos com os abandonados. Os livres tem opinião, ou pelo menos, consciência crítica para formarem suas idéias. Já, os abandonados são facilmente influenciáveis e acabam copiando seus grupos, encontrando substitutos para os pais que não lhes dão o mínimo necessário para suas formações ética e moral.

A ideologia predominante no argumento dos castigadores é que agem sempre em nome do “bem”, em nome do “correto”, para “torcer o pepino de pequeno”.

Detenhamo-nos um pouco a avaliar tais concepções. Certamente quem se atribui semelhante argumento para o exercício da função não se pensa um educador, seu papel estará mais próximo a de um “corretor”. Parte-se assim do princípio equivocados que se está tratando com crianças

e adolescentes já distorcidos por natureza. Não é concebível que um educador pense aos jovens como definitivamente formados.

Todos sabemos que a vida é um processo e nenhum de nós é igual nas diferentes etapas da vida. Quando verificamos a presença da visão estática percebemos que ela está apoiada em alguma teoria que não contempla a vida como um processo, muito menos um processo humano. Considerando que os humanos podem pensar e como tal com capacidade de poder transformar seus atos mediante a reflexão, todo ato que leve aos jovens a uma reflexão sobre suas produções passará a ser um ato educativo. No castigo se anula a reflexão porque ódio e incorporação de conhecimentos não combinam.

Nada é definitivo na vida, somente a morte.

Claro está que palmada só faz bem em quem precisa descarregar sua violência nos mais fracos. Há filhos que passam a odiar intensamente a pais e educadores em decorrência do uso sistemático dessas formas. A mágoa guardada, a humilhação inesquecível voltarão de alguma forma, ou porque incorporam ao perseguir e passam a fazer o mesmo com irmãos menores ou companheiros de colégio ou pelo contrário como um “tapa com luva de pelica” fazendo-os passar de jovens humilhados a adultos que repudiam a humilhação, transformando ao contrário suas experiências de jovens castigados em pessoas que evitam o castigo e a privação do lazer.

Lamentavelmente o lazer fica incluído como “não fazer nada” numa alusão plena de que educar é apenas disciplinar. Não se considera a importância do brincar na formação da saúde dos indivíduos. Como não se considera o brincar em todo seu valor, assim jamais se educa para o lazer. Como se isto não bastasse ainda se o exclui da vida dos jovens como forma de punição.

Por isso, diferencio as ações punitivas entre: castigo corporal e a privação do prazer como formas de violências.

A privação do brincar é um desestímulo ao gozo da vida. A punição se dá exatamente onde a saúde se expressa. Sabe-se o quanto as crianças gostam do que fazem com o gosto dos sinceros. Elas nos dão notícias do quanto gostam de brincar. Ali elas riem, gozam, se socializam, descarregam tensões, tentam elaborar situações traumáticas e conhecem o mundo dos sonhos. E é por perceber-se todo o valor que para eles significa o lazer é que os adultos punidores lhes cerceiam esse direito. Assim acabam ferindo-os num lugar de impacto, onde pela privação lhes deram o direito do que “eles gostam”. Isso só dá raiva, aumentando o ciclo do conflito, o que os convida a desistir do gozo. Quando essa forma é constante e assí-

dua pode levar os jovens a níveis de renúncia da vida, alguns até pensam em suicídio como única saída.

O que se busca com o castigo e a privação? Corrigir aos jovens? Os destinos da culpabilidade e do castigo só pioram a performance, introduzindo o incremento do ódio na relação entre adultos e jovens. Nenhuma atitude violenta leva a um incremento de responsabilidades, ao contrário promove uma diminuição na auto-estima de todos e esta por sua vez constitui núcleos depressivos. Muitos jovens deprimidos são mal compreendidos e acusados de maus filhos ou maus alunos. As atitudes terapêuticas também costumam ser de ordem corretiva, quase nunca contemplam a problemática de todos os que a envolvem quando surgem. Por não considerarem a essência da ideologia predominante, tendem a buscar um culpado para a situação de má performance dos jovens. Um aluno que não se adequa às exigências da escola tende a ser reprovado, se lhes impõe a mudança de escola, a evasão escolar ou a acompanhamentos psicológicos a serviço da negação do sistema e seus exageros. Tenta-se assim mudar o jovem para adaptá-lo ao modelo. Não se pensa em mudar os modelos. As manifestações de rebeldia dos jovens é compreendida pelos adultos como desvios de conduta. Na verdade os adultos quando violentos transmitem regras que nem eles mesmos acreditam, são pouco hábeis na forma e pouco pensam em seus conteúdos. *Os violentos não duvidam de suas atitudes, logo encontram uma racionalização para explicar o ato.* Porém uma vez que são violentos, alguns se arrependem e voltam atrás em suas punições, o que colabora ainda mais para a confusão que a contradição remete. Outros, *dão presentes* numa prova de que os jovens são compráveis e planta-se assim a semente da corrupção.

Ser educado pelo modelo que pune, significa ser posto a prova todo o tempo e como conseqüência o sistema de avaliação passa a ser um tormento para todos os que dele participam.

Quero destacar algo sobre as reprovações. Os sistemas de ensino das matérias respondem a expectativas processuais. Pelo menos se pretendem assim e são aplicados com essa intenção, porém quando os professores necessitam argumentar uma reprovação apoiam-se no argumento de que foi melhor assim, porque desta forma o aluno reprovado aprenderá repetindo no ano seguinte a estudar ou a consolidar a matéria que precisaria para acompanhar o grupo. A reprovação é uma posta de limite que ensina a estudar e a ter responsabilidades? Ou ao contrário, é vivida como injustiça e castigo? Àqueles que acreditam no seu proveito útil para ensinar responsabilidades deveriam ser tratados com o mesmo cuidado que se trata as populações de risco pois são perigosos para a educação dos jovens,

acredito que são perigosos para a humanidade pois transmitem uma ideologia que nos tem custado muitas guerras.

O modelo ideológico que sustenta o castigo cria uma geração de inseguros e medrosos. Gente com medo da vida e da morte. Cheios de exigências e humilhações, depreciados e com baixa auto-estima. Seqüestrados pela escola como forma compulsória de educação acabam perdendo seus direitos de brincar e de sonhar. Matérias inúteis fazendo sombra nos seus interesses mais verdadeiros, como aqueles que dizem respeito a seu lugar no mundo (macro) e com suas preocupações com a história de suas origens (família) e o corpo (micro).

Há um personagem que é a droga da família ou a droga da escola. Estigmatizado, o castigado aprende a erotizar o sofrimento.

Com sua passividade ou agressividade passa a provocar o castigo. Chegando a extremos, vemos que alguns deles buscam uma *satisfação no desprazer*. A aparente solução que muitos castigadores pensam ter quando a criança penalizada se põe quieta, pode estar essa obediência encobrendo uma mórbida satisfação que atinge quando é castigada, tudo isso a serviço da morte, da depressão e do incremento do sofrimento de desvalia.

Nossa cultura está muito mais acostumada a detectar os erros do que destacar os acertos.

Quais são os indicadores que se utilizam para dizer que um jovem é bom e outro é mau? Aquele jovem a quem popularmente se considera mau terá a sua história povoada de sentimentos de humilhação, desvalorização, culpabilização, abandonos, ridículos, autoritarismos e desestímulo à criatividade que tanto depende da originalidade e do estímulo do meio circundante para sua existência.

Por tratar-se de um fenômeno generalizado, não se pode incluir a leitura em bons e maus. As famílias são mais ou menos iguais, os seres humanos também. Cada um é aquilo que pode ser, raramente o que gostaria ser.

Quando diante dos desesperos que levam às violências domésticas precisa-se abrir uma brecha para descobrir todos os dias que o mundo não é tão lindo como se espera, mas tampouco tão catastrófico como se imagina. Se as violências fazem parte da natureza dos humanos, também eles são capazes de perdão, de revisão e de amor.

A argumentação de que seriam os castigos uma violência doméstica útil para a formação do futuro cidadão é o mínimo hipócrita. Mesmo no meio de eruditos esta forma de tortura segue seu caminho sem contestação. As crianças ainda são motivo de discriminação por parte dos adultos. Não me refiro apenas aos castigos corporais, mas as ameaças ou privações,

como o impedimento de brincar. Ambas atitudes como forma de conscientização, não servem para nada do que se pretende, apenas se consegue fazer com que a criança não aprenda seus deveres e ainda passe a renunciar seus prazeres. Toda a transmissão de conhecimento feita sob pressão diminui a capacidade de compreensão, de produção e de criação daquele que recebe a ordem.

Os aspectos mais imediatos no ato corretivo impedem uma reflexão que leve a algo mais amplo. Um filho desobediente encerra em seu ato algo que poderá ir desde um simples “não ouvi” até a complexa representação que significa discordar daqueles a quem se ama, com todo o temor de perder seu amor por começar a ser diferente deles.

A hipervalorização do “de fora” em detrimento ao “de dentro” tem sucesso no Ocidente. Assim se formam gerações alienadas, obedientes e submissas a serviço da não contestação. Duvido entretanto que os *estejamos fazendo mais felizes*.

A alfabetização que supervaloriza os livros em detrimento das histórias pessoais que nos organiza, mata o conceito de si mesmo que nos habita, dessa forma vemos filhos adolescentes com vergonha dos pais que os geraram. A história dos livros não enaltece os simples nem tampouco valoriza o trabalhador comum, o pai comum, a mãe que administra uma casa com a habilidade que poucos profissionais o fazem. Deixam de enaltecer e estimular ao jovem que conheça a forma como seus pais foram crianças e com que brinquedos brincaram. Suas histórias de amor e de decepção, saber algo mais de seus lutos e suas conquistas. Dessa forma os jovens vivem olhando ao redor sem olhar para si mesmos, nem tampouco conhecem o mundo daqueles com quem convivem. O mundo de fora passa a ser usado como referencial em detrimento da auto-percepção (conhecimentos de si mesmo). Esse tirar de dentro, curiosamente dá o sentido etimológico da palavra educar. Sendo assim, semelhante proposta prepara poucos para serem educadores. Estimula-se assim o comparativo (massa) e desvaloriza-se o individual (singular).

É inevitável de que os jovens se equivocam. Os erros fazem parte da vida de todos. Uma estratégia útil para seus aprendizados, seria a de ajudar-lhes a aproveitar seus pequenos equívocos corriqueiros para ajudá-los a dimensionar as suas responsabilidades e fazer disso um ensaio para enfrentarem os grandes equívocos que ainda acontecerão em suas vidas, ou até mesmo para ajudar-lhes a evitá-los com uma prevenção adequada.

Penso que *em cada jovem há um potencial enorme a ser aproveitado; não uma besta a ser contida*. Superar o difícil que é ser criança, como

tal, frágil, dependente e a mercê dos mitos dos adultos. Uma criança ou um jovem precisam despende muita energia numa elaboração difícil de ser conseguida para poderem superar a essa soma de complicadores. Superar tudo isso significa vencer a fragilidade, tornar-se forte ou pelo menos crente em si mesmos para renascer original, incorporando leis, exigências e expectativas. Ao mesmo tempo as crianças e os jovens buscam encontrar seus caminhos, temendo decepcionar os que dele esperam alguma prova de competência. É inegável que cada vez mais a humanidade está inserida num mundo de competição e a performance é como uma sombra a tirar o brilho da criatividade e do prazer no fazer.

O isolamento massifica, o conformismo aquieta, o castigo culpabiliza e erotiza a dor. Por tudo isso não acredito que a violência corporal ou moral contribua com a organização de um indivíduo feliz que possa em seu proveito usar a plenitude da sua riqueza potencial. Todas as formas violentas de educação introduzem obstáculos ao aproveitamento de todas energias que os jovens precisam dispor para ingressarem no difícil mundo dos adultos.

É com aqueles que convivemos que representamos o que de mais íntimo temos. Eles conhecem nossos defeitos e fraquezas. Guarda-se quase sempre o que se tem de melhor para uso externo.

Quando os jovens cobram ou exigem dos adultos nas funções de educadores, expressam com suas intolerâncias exibidas numa forma pouco hábil as exigências que eles tem consigo mesmos. Extravasam assim o excesso. Conter-lhes a violência também faz parte da educação, mas a importantíssima função de colocar limites, se incorporada ao cotidiano das famílias e das escolas certamente não precisará do uso da violência, que em seus extremos, sempre aparece a denunciar o adiamento das soluções. Pois o castigo é o ato final de uma desobediência a um teste às intolerâncias. Quase todos os pais batem quando pensam que já não lhes resta outra coisa a fazer. O que não contam é que as suas raivas estão embutidas no ato, e tampouco manifestam que suas frustrações pessoais adquiridas em determinadas circunstâncias de suas vidas acabam encontrando no ato do jovem desobediente a gota d'água para a externalização do ódio.

Infelizmente os jovens pouco sabem de estratégias e muitas vezes se colocam na linha de fogo. Ou até mesmo, sabendo que os adultos que os cercam passam por situações difíceis, ao vê-los armados, aproveitam a ocasião para satisfazer necessidades masocosádicas dos grupos familiares e escolares. O castigo assim ficaria a serviço da perversão do gozo.

Creio que hoje dedica-se muito tempo aos jovens, mas ainda é pouco o tempo dedicado para pensar ações de saúde, e se efetivamente elas

são transmitidas nos modelos que adotamos, e em nossas formas de educar os objetivos que revelam o melhor para todos os que participam do processo educacional.

A transformação da educação visando convertê-la numa educação sem violências dependerá da articulação entre o macro (modelos educativos oficiais) e o micro (história familiar e escolar). Começa pela realidade da casa a termina pela revisão política e científica das formas e dos conteúdos transmitidos nesses lugares onde as crianças e os jovens aprendem e formam seus modelos para aprenderem a ser adultos.

Conferência inaugural do I Ciclo de Debates na Fundação da Associação Sergipana de Adolescência. Aracajú, Sergipe, 6 de outubro de 1995.